

Casa de Sementes Pai Xingano: autonomia e liderança negra no Semiárido



Com orgulho, as pessoas que vivem no Sítio Veiga se apresentam: moram em uma comunidade quilombola, surgida há mais um século a partir de negros escravizados que fugiram e se fixaram no alto da Serra do Estêvão, em Quixadá. Eles são descendentes dos “negros do Veiga” e tentam manter viva as suas tradições, cultura e identidade.

Há sete anos, conseguiram o reconhecimento do Incra como um grupo remanescente de quilombo e a delimitação de 967 hectares como seu território. Buscam agora a regularização fundiária que finalmente lhes dará a propriedade coletiva da terra.

No Sítio Veiga, residem 39 famílias a maioria delas tem a mesma origem: os fundadores do Sítio Veiga: Chiquinho Ribeiro, ex-escravo que, por volta de

1900, fugiu da localidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, e se estabeleceu ali com sua esposa Dona Maria Fernandes da Silva e seis filhos do casal.

Assim como seus antepassados, que viviam da agricultura familiar, a comunidade manteve o hábito de plantar milho, feijão e fava para consumo próprio. A cada ano, a colheita dos seus roçados abastece as casas e, para a safra seguinte, são guardadas as melhores sementes.

O hábito de guardar e compartilhar, o desejo de não depender do fornecimento do governo e a consciência do valor das sementes crioulas para a biodiversidade e para a saúde humana fizeram com que a comunidade iniciasse, em 2010, a construção de uma casa de sementes com estoque coletivo mantido por doações. “Com muita dificuldade, mas fizemos e foi uma construção comunitária”, lembra Ana Eugênio, líder do Sítio Veiga e estudante de Serviço Social.

O Feijão Pingo de ouro, o Ligeiro, o Roxo e o Milho Ibra são algumas das espécies cultivadas no Sítio Veiga desde sua origem, e que agora estão guardadas na Casa de Sementes Pai Xingano, nome escolhido pelos moradores do Veiga em memória do seu fundador. Eles perceberam que as sementes nativas são resistentes ao clima, as espigas de milho são maiores e produzem bastante palha para alimentar os animais. “Choveu a gente planta logo, não fica esperando pelo governo”, conta



Distribuição de sementes crioulas na comunidade quilombola Sítio Veiga.

É do tempo da minha avó, que morreu com 99 anos”, lembra o agricultor ao mostrar as sementes do Ibra guardadas para o próximo plantio. Cada família guarda seu estoque particular e os integrantes da Casa de Sementes Pai Xingano fazem doações ao projeto comunitário, que vai entrando em atividade e se integrando à vida do lugar. “Aos poucos, as famílias estão percebendo a importância que esta casa tem”, afirma Ana Eugênio. Diversificar os tipos de sementes, organizar o sistema de empréstimo e devolução, estruturar o espaço são alguns dos benefícios deste projeto às comunidades.

O potencial da agricultura familiar no Veiga é limitado por não possuírem terra para plantar, além disso há interferência dos proprietários dos terrenos onde moram. “A fava está desaparecendo, ela brota tardia e muitas vezes a gente plantava nas terras dos outros, mas, quando estava florando, o dono da terra botava o gado dentro, isso desmotivou as famílias. Boa parte delas mora em terras alheias e precisa pagar renda. Quando a gente tiver a terra em nossas mãos, vai poder plantar o que quiser a variedade que quiser”, argumenta Ana. Mesmo com as dificuldades, estes agricultores e agricultoras acreditam que a presença de uma casa de sementes os une. “Fortalecer a casa de sementes pra gente foi muito importante. Quando estava guardando as sementes, eu ouvia as pessoas dizerem 'ah, deste milho eu quero', ela lembra.

Moradia, educação e muitos outros direitos negados aos antepassados do Veiga, são aos poucos resgatados com a organização do grupo. O transporte escolar seguro para as crianças e adolescentes, os cursos profissionalizantes, os programas sociais de acesso à água, a biblioteca comunitária, os projetos de leitura, a casa de produção de mel, a venda de doces feitos pelas mulheres dali são algumas destas conquistas e a comunidade busca agora conseguir uma escola diurna e dentro do quilombo.

“Somos uma comunidade remanescente de um povo que foi escravizado. Eram reis, rainhas, professores, curandeiros. Somos o que restou, não o resto que se joga no lixo, mas que continua resistindo. Onde nós formos, temos que dizer quem somos, de onde somos e o que queremos”, defende ela.

Edmundo Maciel da Silva, morador do Veiga.

“A gente viu que a comunidade dependia muito da semente do governo e, para quebrar isso, começou a discutir a importância de ter semente saudável, resistente, a nossas próprias sementes. A do governo, além de vir envenenada, é uma semente sem resistência”, avalia a jovem do Veiga, Francisca Tainara Eugênio da Silva, de 18 anos, que integra o projeto da casa de sementes.

Com assessoria dos técnicos do Esplar, por meio do projeto Sementes do Semiárido, a comunidade identificou e classificou os tipos de sementes tradicionais e resgatou as memórias das famílias. “Desde de que me entendo no mundo, esse milho existe, meu



Moradores do Quilombo Sítio Veiga, localizado na Serra do Estêvão, em Quixadá.

Realização



Apoio



Ministério do
Desenvolvimento Agrário

Ministério do
Desenvolvimento Social
e Combate à Fome

